

O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, MARÇO/2019 - ANO XXIII - Nº 266

EDITORIAL

Quando pensamos que já vimos de tudo o que é negativo para a imagem do país no que tange à atuação dos políticos brasileiros, assistimos, no último dia 21 de março, à prisão de mais um ex-Presidente da República, acusado de crime comum. Na mesma semana, a Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro deu posse, na prisão, a cinco deputados eleitos que estavam presos. Foi um tapa na cara da cidadania.

É uma vergonha para o Brasil ser visto como um país onde a corrupção impera. A ladroagem e os desvios de recursos públicos fazem com que esse dinheiro, que deveria ser usado em programas de saúde, educação, segurança e saneamento, vá para os bolsos de políticos malfeitores.

É lamentável que, nos últimos anos, tenhamos que assistir, pelos meios de comunicação, à prisão de ex-presidentes da república, governadores, senadores, deputados, prefeitos e vereadores. Será que teremos a eterna sina de nos envergonhar de nossos políticos? Os tempos passam e só o que vemos por parte dos políticos é desdém, jogo de interesses pessoais, hipocrisia, ambição, corrupção, deslealdade, mentiras, conluios, falta de humanidade. A falta de decoro, educação, princípios morais, dignidade, respeito e honestidade se esvaem em função da ganância pelo poder e cargos.

Ser político tornou-se meio de vida e sinônimo de corrupção. Nossos políticos são motivo de chacotas e envergonham a nação. São capazes de quaisquer atitudes visando a aumentar seu patrimônio.

Outros tantos políticos poderiam ser enjaulados se não se escondessem por detrás da imunidade em função do cargo. É um constrangimento para o Brasil assistir a uma autoridade pública ser presa. Todos sabemos que na política não existem santos; são todos “macacos-velhos”, raposas espertas que vêm, há tempos, ludibriando incautos. Por outro lado, mesmo que haja exageros do Ministério Público, há de se exaltar o trabalho da Justiça e das investigações que os têm levado para a cadeia. Precisamos moralizar nosso Parlamento – das câmaras municipais ao Senado Federal. Em todos os setores do Estado, o exercício da função pública deve ser pautado pela responsabilidade, moralidade e competência. Se queremos passar o Brasil a limpo, o MP deverá estar cada vez mais atuante, denunciando, e a Polícia Federal, investigando. As prisões atuais de grandes astros da política nacional mostram que ninguém está acima da Lei. O combate à corrupção e aos desvios tem que ser feito sem trégua. O país não tolera mais a sensação de impunidade.

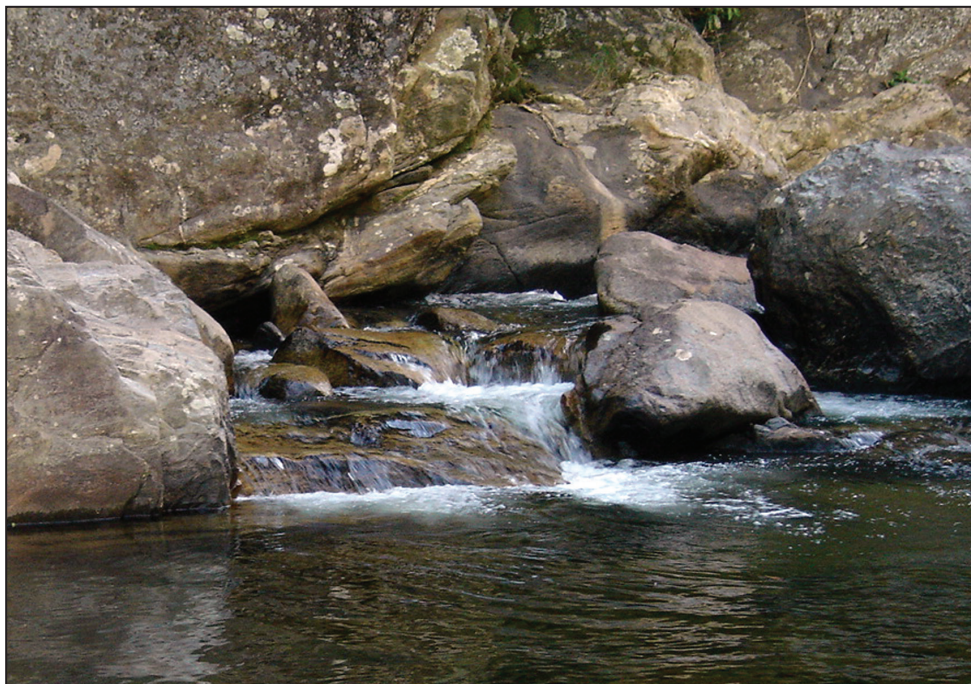


Foto Arquivo Pré-Memória

Há que se fazer uma reflexão da relação do homem com os recursos hídricos. Os rios brasileiros estão por um triz, seja por agressão gerada por grandes desastres ou por conta do mau uso da água no dia a dia. Nossos rios estão sendo condenados pela falta de boa governança.

Adote um rio e viva

O Dia Mundial da Água, 22 de março, foi criado para que se faça uma reflexão da relação do homem com os recursos hídricos.

O relacionamento da sociedade brasileira com os rios não é nada bom. Estudos apontam que em apenas 6,5% dos rios das bacias da Mata Atlântica a qualidade das águas é considerada boa e própria para o consumo.

Grande parte dos recursos hídricos do país está perdendo lentamente a capacidade de abastecer a população. A maioria se encontra em condições regulares, o que é considerado frágil.

Em Piquete, cujas nascentes estão na Serra da Mantiqueira, a perda da cobertura florestal de encostas ao longo dos anos concorreu para a redução do volume de água, além da perda da biodiversidade. Da rica floresta atlântica restam apenas fragmentos isolados, que precisam, urgentemente, ser conectados. O crescimento da cidade, que se deu às margens do ribeirão, contribuiu para seu assoreamento em função da diminuição da mata ciliar e do esgoto, que, ainda hoje, em pleno século XXI, é lançado in natura em suas águas. Assistimos, paulatinamente, à morte do ribeirão Piquete: a diminuição do volume de suas águas é gritante e ele não tem mais forças nem para levar o lixo que insistem em atirar em suas margens.

O que ocorre com os ribeirões de Piquete não é diferente da realidade dos demais municípios brasileiros. O descaso e o desrespeito são crônicos. Falta à população uma cultura preservacionista. Pesquisas apontam que a qualidade de nossas águas é classificada como ruim ou péssima. Apesar de muito se falar da importância das águas para a sobrevivência humana e de sua finitude, quase

nada é feito para preservar sua disponibilidade. Os anos passam e a falta de políticas ambientais apontam para o agravamento do quadro. Consta-se que nenhum trabalho é realizado para minimizar impactos como a erosão e a contaminação das águas, a fim de se evitar crises hídricas. Para piorar essa situação, o país passa por grave momento político, que se arrasta há anos, de maneira que os problemas decorrentes da falta de saneamento básico e da manutenção e preservação de nossos rios só tendem a crescer. Assim, a fragilidade da condição ambiental dos principais rios da Mata Atlântica é cada vez mais preocupante. Importante, portanto, que cada município, a despeito de quaisquer dificuldades, dê mais atenção a seus corpos d'água. Se cada cidade priorizasse a recuperação de seus rios, todos se beneficiariam. É preciso que se adote um rio para que possa haver vida. Há que se garantir, para isso, o engajamento da sociedade na gestão das águas, além do seu empoderamento para que ajude a construir os indicadores que o Brasil precisa para garantir o acesso à água de qualidade para todos. Faz-se necessário recuperar nossas encostas e matas ciliares, bem como as nascentes, com o plantio de espécies da Mata Atlântica. Áreas de risco requerem atenção urgente. A fim de que não venhamos a lamentar a falta d'água, é importante, também, conscientizar a população sobre sua importância, para que sejam cobradas políticas efetivas das autoridades. Os rios brasileiros estão por um triz, seja por agressão gerada por grandes desastres ou por conta do mau uso da água no dia a dia. Nossos rios estão sendo condenados pela falta de boa governança.

Imagem - Memória



Fotos Arquivo Prof. Memória

Faury, o professor Prefeito

Em agosto de 1942, durante a II Guerra Mundial, o Brasil decretou guerra à Alemanha nazista e à Itália fascista, posicionando-se ao lado dos Países Aliados.

O Exército Brasileiro se organizou e recrutou homens para combater na Europa. No estado de São Paulo, para aumentar o efetivo de seus regimentos, foram convocados reservistas. Em Lorena, o 5º RI criou uma companhia só de convocados e, no início de novembro, esses “pracinhas” embarcaram no ramal ferroviário de Piquete e vieram guarnecer a Fábrica Presidente Vargas. Piquete havia se tornado zona de guerra. Correram boatos de que a Fábrica estava sendo ameaçada de sabotagem.

Entre os convocados, estavam médicos, farmacêuticos, professores, dentistas e outros profissionais diplomados. Estes, então, receberam ordens de se apresentar em cada setor da Fábrica ligado às suas profissões. Foi assim que quatro professores – José Geraldo Evangelista, Hélio Fábio Di Domênico, Ludovico Leonardo Mollica e Joracy Faury – foram apresentados ao Major José Pompeu Monte num edifício que havia sido detenção dos técnicos húngaros, logo abaixo do Contingente. Naquele local estava sendo iniciado um Aprendizado Industrial destinado a prepara mão-de-obra para a Fábrica, que estava aumentando sua produção para atender às necessidades do Exército, que entrara em guerra.

Foi, portanto, esse conflito mundial que trouxe para Piquete esses quatro professores. A cidade se enriqueceu com a presença deles, que deixaram marcas indeléveis entre seus alunos. Foi nesse contexto histórico que Joracy Faury chegou a Piquete, onde residiu

por duas décadas. Aqui constituiu família casando-se com a professora Fernanda Eunice Batista, em 1946, com quem teve duas filhas, Miriam e Mara. Em 1961, mudou-se para Campinas, onde faleceu no último 8 de março, aos 98 anos de idade.

Tão logo chegou a Piquete, Faury, com os colegas pracinhas-professores, procuraram um local para as refeições, poupando a caminhada até o refeitório, no interior da Fábrica. As refeições passaram a ser feitas, então, na casa de D. Ritinha, esposa de Juca Pinto, chefe da Estação da Estrela, que dava pensão a militares e funcionários da Fábrica. Assim foram os primeiros contatos de Faury com os piquetenses. Logo se juntou ao grupo mais um pracinha, Miguel Kruze Médice, que deixara o Seminário.

Faury sempre se orgulhava de ter contribuído para a estruturação do Aprendizado Industrial, que evoluiu para a Escola Industrial da FVP. Por diversas vezes teve como missão a tarefa de levar os documentos necessários para o registro da escola no MEC, no Rio de Janeiro. Orgulhava-se de ter participado desse importante avanço na Educação, em Piquete. Nesse período, além do serviço militar, lecionava, à noite, na Escola Industrial, matemática e contabilidade. Com o término da II Guerra e a dispensa do Exército, em 1945, continuou a lecionar. Paralelamente, trabalhava na cooperativa escolar arrecadando fundos para os professores e funcionários. O interesse pela educação levou-o a cursar a Escola Normal Livre Duque de Caxias, da qual foi aluno da primeira turma. Em 1955, motivado por sua preocupação social, filiou-se ao PTB e concorreu ao cargo de prefeito. Governou de

1956 a 1960. Do mandato, orgulhava-se de ter se preocupado com o saneamento básico do município. Dizia que o esgoto é uma obra muito importante para a cidade, mas que não aparece politicamente... Isso não importava para ele. Trabalhou incessantemente por Piquete, num esforço enorme contra as dificuldades financeiras e a incompreensão de alguns. Iniciou a construção do mercado municipal, de casas para os funcionários da Prefeitura e o calçamento da cidade com paralelepípedos fornecidos pela pedreira da Fábrica. Foram muitas as dificuldades para administrar um município pobre e com recursos escassos. Findo o mandato, continuou na Educação até se aposentar, como diretor. Mesmo tendo se mudado para Campinas, nunca se afastou de Piquete. Manteve em nossa cidade um escritório de contabilidade, aberto em 1944, que o trazia quase semanalmente a Piquete, cidade que esse cruzeirense adotou e de onde, segundo ele, não conseguia se separar. Aqui era querido e admirado por seu bom humor, educação e fineza no trato com as pessoas. Professor Faury deixa na memória dos piquetenses seu exemplo de cidadão trabalhador, discreto, de gestos comedidos, calmo e antenado com a cidade que adotou e a realidade nacional.

Legendas:

01: Prefeito Joracy Faury, o vice-prefeito, José de Castro, e vereadores, em 15/06/1958. 02: Prefeito Joracy Faury e autoridades quando da inauguração de trecho de calçamento da rua Cel. Relvas. 03: Prefeito Joracy Faury e políticos piquetenses em Convenção do PTB. 04: Joracy Faury com o sr. Juca Pinto e netos, na Estação da Estrela, em 1942. 05: Cerimônia no Grupo Antônio João em que o Prof. Carlos Ramos discursa para o Prefeito Joracy Faury e demais autoridades, em 15/06/1958

GENTE DA CIDADE

Vera

O sorriso largo é uma de suas marcas registradas. A risada de Vera contamina a todos.

Vera Lúcia de Souza Silva, nascida em Piquete a 4 de janeiro de 1954, é a mais velha dentre os cinco filhos do casal Orides de Lima Corrêa de Souza e Agenor de Souza. A família continua se reunindo em frente à casa dos pais, já falecidos, próximo à Matriz de São Miguel, em uma das duas artérias que concentram o trânsito na cidade. Quem passa por eles é sempre saudado com alegria e, não raro, acaba parando para conversar – certeza de boas risadas.

A personalidade expansiva é característica de Vera. Desde a infância, no primário, no Grupo Antônio João, “eu era muito arteira... Coitados dos meus professores”, afirma sorrindo. Relembra, com um quê de emoção, a primeira professora, Lourdes Encarnação, recém-falecida. Foi a primeira mulher a participar da Academia de Judô de Piquete. Esteve ao lado de Nelo Pelegrine, do João Carlos Arantes, do Chumbo do Dujovâni e do Professor Yasutaka.

Ao falar de sua trajetória escolar, vai pontuando as escolas por onde passou: depois do Antônio João, o Ginásio da FPV e a Escola Normal Livre Duque de Caxias, onde se formou professora em 1975. Logo após se formar, lecionou, a convite do diretor Leopoldo Marcondes de Moura Netto, na Escola da FPV. Depois de dois anos, tendo se casado em 30 de outubro de 1976 com Gilson Ferreira da Silva, foi para São Paulo. Lá, ingressou, por concurso público, na Secretaria da Indústria, Comércio, Ciências e Tecnologia, onde também trabalhava o marido.

Em 1989, veio comissionada trabalhar na Prefeitura de Piquete. Foi Diretora Administrativa do Hospital até o final da administração Alair Ferreira. “Um período de muito trabalho... O diretor hospitalar era o Dr. Luiz Felipe”, conta.

Como preferia ficar no interior, tentou e conseguiu uma transferência, dentro da Secretaria Estadual, para o Colégio Técnico de Lorena (COTEL). “Vim trabalhar, como orientadora pedagógica, com o Professor Nelson Pesciotta, que era o diretor... Excelente pessoa, muito culta... Aprendi muito com ele.”, destaca, citando o ex-presidente



do Instituto de Estudos Valeparaibanos. Logo depois, com a aposentadoria de Nelson Pesciotta, assumiu a diretoria do COTEL.

Em 1998, decidida a não retornar para São Paulo, tirou licença não remunerada. Em 2000, ingressou como professora concursada da rede municipal de ensino de Piquete, onde se aposentou, em 2004. Para assumir os cargos pelos quais passou, Vera se preparou: é Pedagoga, com especialização, entre outras, em Violência Doméstica. Essa condição a habilitou, por exemplo, a atuar por um bom tempo no Conselho Tutelar de Piquete, quando o cargo era voluntário. “Encarei muitas situações difíceis naquele período...”, conta. Já há vários anos, Vera passou a fazer parte da Liga Piquetense de Combate ao Câncer, instituição que dá apoio complementar a inúmeros pacientes do município. “É um trabalho que amo de paixão... Hoje, como presidente, tenho uma rotina pesada entre o bazar mantido pela Liga e conversar semanalmente com todos os atendidos, que não são poucos, buscar tratamentos, remédios... A realidade, mesmo em nossa Piquete, uma cidade pequena, é muito dura. Há

casos complicados que requerem ainda mais dedicação... Mas faço com muito amor e me é muito gratificante ajudar quem precisa”. “E ainda tenho que me dedicar ao marido, aos dois filhos e dois netos...”, complementa sorrindo.

Uma mulher alegre, ativa e cheia de iniciativa... Vera é uma cidadã consciente de seus direitos mas sem se esquecer dos deveres. Que continue seu belo e importante trabalho!

Nativo Digital x Imigrante digital: quem você é?

Laura Chaves

Se você é daquelas pessoas que aprenderam tarde na vida a enviar email e até hoje têm certa dificuldade para fazer uso das redes sociais, com certeza, você é um imigrante digital, nascido antes dos anos 80 do século XX. Você cresceu em um mundo analógico e sente-se muito mais confortável em fazer uso das formas tradicionais de interação, muito embora o mundo lhe force a se conectar com o mundo digital. Você é um tipo em extinção! Mais umas décadas e pessoas como você não existirão mais.

Agora, se você nasceu de 1980 para cá, você cresceu acreditando que as tecnologias digitais sempre existiram. Pessoas como você não conseguem imaginar um mundo sem videogames, internet, telefone celular, MP3, iPod... e nem sequer se imaginam usando uma máquina de escrever ou ligando para cada amigo individualmente para conversar sobre um evento. Você é um nativo digital. Para você, a relação com as tecnologias digitais é tão natural quanto comer e beber.

Independente de quem você é – nativo digital ou imigrante digital –, faz-se necessário que você compreenda que a cultura atual é digital, que vivemos num cenário sociotécnico digital e que a linguagem predominante é a hipermidiática. Empregos, serviços, formação... Todos os setores da vida social passam e passarão por transformações decorrentes dos avanços tecnológicos, revolucionando a vida em sociedade. O mundo analógico vai ficando para trás.

Essa compreensão é fundamental para todos e, de forma especial, à educação, pois pode ocorrer um abismo entre os nativos (alunos) e alguns professores imigrantes digitais.

É impositivo que os professores conheçam as características dos nativos digitais. Eles não só se relacionam naturalmente com o mundo digital, mas também foram contemplados com modelos mentais distintos das gerações anteriores. Eles aprendem de forma diferente e precisam de aulas interativas, entre outras coisas.

O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 1997

Diretor Geral:

Antônio Carlos Monteiro Chaves

Jornalista Responsável:

Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor: Francisco Máximo Ferreira Netto

Redação:

Rua Professor Luiz de Castro Pinto, 22

Tels.: (12) 3156-1207

Correspondência:

Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

Editoração: Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Tiragem: 1000 exemplares

A Redação não se responsabiliza pelos artigos assinados.

Vera e outras voluntárias da Liga Piquetense de Combate ao Câncer



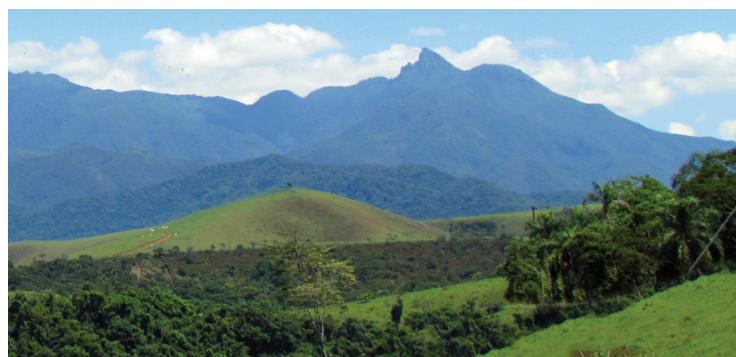


Foto Arquivo Pró-Memória

Marins: monumento natural de Piquete

A Serra da Mantiqueira corta o município de Piquete e lhe presenteia com uma das mais belas paisagens da região. É, sem dúvida, um patrimônio natural de valor inquestionável para o país.

Na Mantiqueira, o Pico dos Marins, em Piquete, e o Itaguaré, em Cruzeiro, fazem parte de um maciço montanhoso que se destaca pelo conjunto, atraindo a atenção de todos os que passam pelo Vale do Paraíba paulista. É referência geográfica na paisagem serrana, com declives que ultrapassam os 1.500 metros, nos quais podemos observar gradientes de vegetação únicos para muitas espécies da fauna e da flora. É nos Marins que nascem os ribeirões Passa Quatro e Mendanha, ambos tributários do Paraíba do Sul. Daí a necessidade de sua proteção para garantir a qualidade ambiental e consequente estabilidade hídrica da região. A Serra da Mantiqueira, portanto, com o Maciço Marins – Itaguaré constitui

aspecto regional de notável importância, com atributos relacionados à biodiversidade, paisagens, geologia, geomorfologia e hidrologia.

Embora seja reconhecida pela riqueza de sua biodiversidade e pelos serviços ambientais proporcionados por esse patrimônio natural, a Mantiqueira não tem sido poupada da degradação. Maciços montanhosos como o do Marins – Itaguaré são cada vez mais procurados por excursionistas e amantes da natureza. O impacto no ecossistema, naturalmente frágil, é considerável. Evidencia-se, aí, mais uma razão para sua proteção, elevando-o à condição de Monumento Natural (MONA). Essa é uma unidade de conservação que tem como objetivo proteger a integralidade desse ambiente único, de extrema beleza cênica. Elevado à condição de MONA, a intervenção urbana será proibida. O Monumento Natural é instituído por um ato do poder público, seja federal, estadual

ou municipal, mediante prévios estudos ambientais e consultas públicas. Pode ser constituído de áreas particulares se houver compatibilidade entre o objeto de conservação da unidade e a utilização da terra e dos recursos naturais pelos proprietários. No entanto, se houver conflito entre esses interesses ou não houver aceitação do proprietário das condições de coexistência propostas pelo órgão responsável pela administração da unidade, ocorrerá a desapropriação da área.

A categoria de Monumento Natural foi criada pelo Artigo 12º da Lei do SNUC (Lei 9.985/2000). Sua administração fica a cargo do órgão ambiental ligado à esfera do poder público que a criou. MONAs federais são administradas pelo ICMBio, enquanto nas esferas estadual e municipal a administração fica a cargo dos respectivos órgãos ambientais. A visitação pública e as atividades científicas são permitidas, mas devem seguir as normas estabelecidas.

Quem se arriscará na gestão pública?

Tenho um amigo que usa como lema: “O Brasil foi feito para não dar certo”. Tendo a dar razão a ele. A sociedade aprendeu a reivindicar, o que é saudável. Mas parece ter faltado à aula dos deveres, das obrigações e das responsabilidades.

O constituinte de 1988 foi pródigo ao estipular os direitos. Todos eles ganharam o status de fundamentais e sempre haverá quem os invoque e obtenha deferimento judicial. É saudável a tutela dos direitos. Melhor seria que eles fossem objetos de observância espontânea. A cada direito corresponde uma obrigação e não é preciso chamar o juiz para que ela seja cumprida.

Um dos defeitos dessa rede protetiva foi a judicialização da vida brasileira. É incrível a quantidade de processos em trâmite por todos os fóruns e tribunais. Cifra inimaginável quando o estrangeiro dela toma conhecimento. Mas há outras consequências advindas da instauração da “República dos direitos e da hermenêutica”. Todas as interpretações são possíveis. Quase sempre em desfavor de quem, incautamente, assume a função estatal. Hoje é uma atividade de risco aventurar-se a gerir a coisa pública.

Estruturas anacrônicas, excesso de quadros funcionais, burocracia estiolante,

presunção de má-fé, tudo contribui para que o exercente de qualquer cargo estatal seja futura vítima a oferecer o pescoço a prêmio. Órgãos fiscalizadores se recusam a orientar, sob argumento de que sua atribuição é o controle, não a pedagogia. A saudável inspiração da lei de licitações obriga o Estado a contratar pelo menor preço e a favorecer os inescrupulosos, que confiam nos aditamentos e descumprem os contratos. Vide o número de obras inacabadas em todo o país.

Os quadros funcionais, mal remunerados, não têm a qualificação requerida para o manejo do interesse público. Nítido o paradoxo decorrente de sofisticados esquemas de prestação de contas entregues a pessoas despreparadas. Isso torna o acerto na satisfação de todos os procedimentalismos verdadeira loteria.

O ordenador de despesas se torna o responsável por irregularidades formais e por deslizos praticados em locais distantes do seu posto de trabalho, uma abominável responsabilização objetiva, contrária ao que é mais trivial e básico em ciência jurídica. As procuradorias jurídicas recomendam absoluta abstenção do gestor, não oferecem soluções viáveis e, quando cobradas, culminam por afirmar que ninguém é preso

por falar não.

Premido pelas contingências, o gestor se vê obrigado a assumir riscos e a se angustiar, pois se acena com a interrupção de prestações públicas essenciais. Avalanche sobre os ombros, cada vez mais frágeis. Cobranças veementes, críticas que repercutem na mídia espontânea e nenhuma sensibilidade da parte de instâncias superiores.

Têm razão os que fogem do serviço público, pois as consequências de qualquer permanência em cargo estatal é a plethora de procedimentos no Tribunal de Contas, questionamentos pelos quais responde pessoalmente, sem solidariedade de parte do órgão a que emprestou a colaboração.

Sozinho, indaga-se o que o levou a tal temeridade. E conclui, melancolicamente, que está chegando a era em que só farão parte da gestão pública os que não tiverem nada a perder. Os ingênuos ou incautos já escasseiam, pois enxergam o que acontece com os que acreditaram em servir ao bem comum. Não são exatamente as melhores perspectivas para quem sonhou com um novo Brasil.

José Renato Nalini, ex-Secretário de Educação do Estado de São Paulo, (Diário de Penápolis, 16/03/2019)

Foto Arquivo Pró-Memória



Plenária da Sociedade Civil no CBH-PS

Aconteceu no dia 23 de fevereiro de 2019 a plenária dos representantes da Sociedade Civil para eleição dos representantes no Comitê da Bacia Hidrográfica do Paraíba do Sul (CBH-PS) para o biênio 2018/2020. A Fundação Christiano Rosa, inscrita no CBH-PS como entidade ambientalista, ciente da importância das ações desenvolvidas nos Comitês de Bacia Hidrográficas e da necessidade da participação ativa da sociedade civil nesses órgãos, esteve presente e manteve sua cadeira no Comitê.

As duas vagas no Comitê das entidades ambientalistas foram assim preenchidas:

1º Titular: Associação Jaguamimbaba para o Desenvolvimento Sustentável;

1º Suplente: Fundação Christiano Rosa;

2º Titular: Associação Corredor Ecológico do Vale do Paraíba;

2º Suplente: Suinã Instituto Sócio Ambiental.

No Dia da Água, plante uma árvore

No Dia Mundial da Água o Papa Francisco lembrou que a data, neste 2019, tem como tema: “Água para todos: ninguém deve ser deixado para trás”. Esse tema, explicou o Papa, “também significa tomar consciência da necessidade de responder com fatos concretos, não somente com a manutenção ou melhoria das estruturas hídricas, mas investindo no futuro, educando as novas gerações para o uso e cuidado da água”.

Em Piquete, ainda somos privilegiados. Com inúmeras nascentes na Mantiqueira, o município tem água em abundância. Não raramente, porém, temos falta d’água na cidade em função da necessidade de limpeza na Estação de Tratamento. Essa situação ocorre em função do desmatamento da vegetação que protege as nascentes na Serra, o que permite maior carreamento do solo e consequente entupimento de tubulação. Nessas ocasiões, a distribuição é prejudicada e muitos ficam longos períodos sem água em casa.

Com água potável em nossos canos, o desperdício ainda é grande na cidade, evidenciando falta de conscientização ambiental. Há que se preservar! Água em abundância só é possível com a presença de florestas. Devemos, portanto,

combater o desmatamento e plantar árvores sempre que possível.

Outro péssimo costume é o de jogar lixo nas ruas e/ou diretamente nos rios: em nossa cidade, não é difícil verificar sacos de lixo sendo no leito dos rios ou enroscados nas suas margens. Se no período das chuvas, ainda temos volume significativo de água, nos meses de seca o que vemos é um filete de água poluída pelo esgoto que recebem em toda sua extensão.

Urgem “fatos concretos” que garantam não somente água de qualidade para os piquetenses, mas, também, um rio limpo e saudável ao longo da cidade. Para tanto, a educação ambiental faz-se necessária em nossos lares e nas escolas.



Foto Arquivo Pró-Memória

Ferramentas, não armas, à disposição

Na segunda semana de março, mais uma tragédia consternou o país. Dois ex-alunos invadiram uma escola em Suzano-SP e abriram fogo contra estudantes e funcionários, numa ação que, ao todo, resultou na morte de 10 (dez) pessoas, incluindo os próprios atiradores, e feriu outras dezenas. Tendo em vista que ataques desse gênero não derivam de um só fator, compreender o problema e combater suas causas não é tarefa simples. No entanto, os fatos levantados até aqui por polícia e imprensa apontam o perfil dos autores desse massacre como elemento comum a outros eventos desse tipo, em que homens jovens, geralmente envolvidos em problemas familiares, introspectivos e que nutrem fixação por armas e violência surgem como protagonistas.

Como toda personalidade, o perfil desses atiradores se desenvolve em um contexto social específico, no qual três esferas de interação se imbricam de maneira central: família, escola e redes sociais. Na primeira delas, a relação conflituosa entre pais e filhos, com os chefes familiares sendo, muitas vezes, incapazes de gerir seus próprios problemas pessoais, tem feito com que a instituição família seja mais um elemento

de desestabilização dos filhos do que de integração e amparo. Na escola, fragilizados por uma estrutura familiar combalida e com baixa autoestima, as interações desses jovens com seus pares se tornam exercício ainda mais penoso que o normal – vale dizer que o desenvolvimento de um adolescente, com todos os desafios e fracassos desta etapa da trajetória humana, por si só já não é um passeio no parque. Nesse contexto, o espaço da internet, no qual cada um pode escolher para si a máscara que deseja sem a necessidade de enfrentar o inescapável do real, surge como o último de refúgio de quem, no plano do concreto, acumula fracassos e frustrações.

Assim como Wellington de Oliveira, autor do Massacre de Realengo em 2011, a imprensa tem demonstrado que também os dois jovens atiradores de Suzano frequentavam fóruns na internet dedicados ao ódio. Nesses espaços, garotos de todo o país extravasam suas frustrações e o sentimento de rejeição através de ataques a minorias sociais. Dentre os alvos, destaca-se a repulsa às mulheres, vistas por eles como as protagonistas de seus fracassos à medida que suas rejeições, reais ou imaginárias, impedem

que parte relevante, senão central, de suas realizações enquanto homens seja afirmada. A violência, por fim, se apresenta como a última via sobre a qual seria possível ter uma identidade, e as armas, como símbolo, metáfora da brutalidade, ganham status de objetos venerados.

Se o problema é complexo, as saídas também o são, e a ocorrência desse fenômeno em países desenvolvidos, com maior capacidade que o Brasil para investimentos sociais, é um indicativo de que, para nós, a tarefa é ainda mais árdua. Ao nosso alcance, no entanto, estão algumas ferramentas que devem ser exploradas por aqueles dos quais os jovens esperam alguma referência. Não cabe a adultos civilizados, por exemplo, a apologia da violência e das armas como se essas fossem a solução para todos os conflitos de nossa complexa existência, assim como é irracional e danoso defender uma escalada armamentista para combater adolescentes frustrados. O país, e principalmente a juventude, necessitam de um ambiente pacificado e dialógico. De barbárie e violência todos já estamos fartos.

Rafael Domingues de Lima

Crônicas Pitorescas

Caças e caçadores

Palmyro Masiero

Sabem quem era chegado numa caçada de capivaras, catetos, pacas e outros bichos? O Gen. Canrobert Pereira da Costa, Ministro da Guerra na gestão do Presidente Dutra. E daí, o que é que temos com isso? Assim, assim, diretamente, nada, mas o Antônio Leal tinha.

Vou contar. Na década de 20, o general (que devia ser tenente) andou caçando nas matas da Fábrica acompanhado do José Alves, especialista no assunto, saindo dela satisfeito com os resultados.

Como diz a propaganda, “enquanto o mundo gira, aquele caminhão roda”, a vida foi seguindo e o militar continuou sua carreira (e caçadas), até atingir o generalato e tornar-se Ministro da Guerra.

Nesta função, acompanhou o Presidente Dutra na visita que fez a Piquete para a inauguração do Hospital da Fábrica Presidente Vargas. Após essa cerimônia, todos rumaram para o interior da Fábrica. Lá, em frente à Secretaria, enquanto todos se deslumbravam com as instalações do Hospital, o Gen. Canrobert, olhando para a serra, extasiava-se com a mataria compacta ao fundo.

Para o Gen. Aquino, diretor da instituição, a situação estava encrencada. De um lado, o Presidente, a quem tinha de dar atenção, e do outro, o Ministro da Guerra a perguntar-lhe se era época de procriação de queixadas, se as pacas estavam saindo para o ribeirão. O Gen. Aquino deve ter respondido

sobre nitroglicerina para o Ministro e sobre paca para o Presidente. Nervoso, o Diretor da F.P.V. chamou o Major Monte e incumbiu-o de encontrar rapidamente um caçador para atender à curiosidade do Ministro.

Homem lesto, Monte avistou uma rodinha de funcionários, entre eles o João Monte Claro, o Francisco Ortiz, o Norival Crispim de Castro, o José Teotônio de Castro, e perguntou onde encontrar urgentemente um caçador. Citaram vários, mas o mais à mão era Antônio Leal. Incontinenti, o major deu ordens ao Bororó para pegar a caminhoneta guarda-louça e se mandar atrás do homem.

Uns dez minutos depois chegava o Bororó com o Antônio Leal, lívido, sem saber o que estava acontecendo. Resumo do pagode: apresentaram o Ministro ao Leal. Assunto entre ambos? Capivaras, queixadas, pacas...

Todos que passavam morriam de curiosidade ao ver o Antônio Leal com sua careca luzidia, chapéu na mão, no maior bate-papo com o Ministro, que somente ouvia, interessadíssimo.

Após o fato, o Antônio Leal sempre brincava com a turma utilizando o velho brocado: “Um dia é da caça e o outro do caçador”. No que não concordo. Afinal, função de Ministro não é caçar funcionário e muito menos o vice-versa. Na realidade, o dia foi mesmo dos bichos alvos, abatidos só com blá, blá, blá...



Fotos Arquivo Pró-Memória

Preservar os Marins

O Pico dos Marins, em Piquete, é um monumento natural singular, formado por um grande maciço rochoso, com paredões íngremes. É um importante destino para quem busca contato com a natureza e paisagens diversificadas, especialmente a partir do mês de abril, quando do término do ciclo das águas. Do alto dos Marins, a mais de 2.420m de altitude, avista-se quase todo o Vale do Paraíba paulista, bem como o mar de morros do sul de Minas Gerais.

Portanto, preservar este importante maciço montanhoso faz-se necessário e é de suma importância elevá-lo à condição de Monumento Natural.

É preciso que nossas autoridades voltem os olhos para a Mantiqueira e seus monumentos naturais. Parcerias entre os municípios e os governos estadual e federal são necessárias. Cuidar da Mantiqueira, de sua rica biodiversidade e de suas inúmeras nascentes significa garantir água para o futuro e um meio ambiente único no país.

Vamos pensar verde

Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Vivemos um tempo de excessos. Um tempo em que o mercado nos bombardeia com “tendências” e dispositivos teoricamente destinados a tornar nossa vida mais fácil. Roupas da estação, equipamentos eletrônicos que se tornam obsoletos em pouquíssimo tempo, embalagens diversas... Esses são alguns exemplos simples, mas significativos, do que tem forte impacto em nosso consumo e, consequentemente, no lixo que geramos.

De acordo com o Panorama dos Resíduos Sólidos no Brasil, da Abrelpe (Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais), em 2016, o país gerou 78,3 milhões de toneladas de lixo urbano. Os municípios brasileiros coletaram 91% desse total, mas enviaram quase metade dos resíduos para aterros e lixões de baixa segurança, colocando em risco a saúde do meio ambiente e da população.

Não há planeta que aguente!

Do lixo que geramos, temos potencial para reciclar em torno de 30%, mas apenas cerca de 3% desse total são efetivamente reciclados. Enquanto isso, o sistema de reciclagem da Suécia funciona tão bem que, por anos, o país teve de comprar lixo de seus vizinhos para manter funcionando suas plantas de geração de energia a partir do lixo. Em 2011, menos de 1% do lixo doméstico produzido pelos suecos foi para aterros! Aqui no Brasil, o lixo úmido é um problema sério para os municípios, que, por lei, já deveriam estar com sistemas de aterro sanitário implementados.

O lixo é um tema que exigiria muito espaço para ser discutido. Não é o caso aqui desta coluna. A ideia é lançar a ideia de que temos que reduzir a geração do lixo. A reciclagem é uma ação corretiva – apenas ataca um problema que já existe. Temos que agir preventivamente e evitar o lixo, seja ele o seco, geralmente possível de ser reciclado, o úmido ou os eletrônicos. Uma regrinha básica é a dos 5R: Repensar o consumo; Recusar produtos com excesso de embalagem; Reduzir o consumo; Reutilizar tudo o que for possível e, por último, Reciclar.

Quando geramos lixo, estamos sujando o planeta em que vivemos. Não existe o “lá fora”. Há que se mudar hábitos para que consigamos gerar menos lixo e aproveitar melhor os recursos que a natureza nos proporciona. A tecnologia está aí para ser nossa parceira. Pensem verde, meus amigos!

Antiga Matriz de São Miguel em reforma

A Paróquia de São Miguel está restaurando a Igreja de São Miguel e Almas. Louvável iniciativa que evidencia a preocupação com obras criadas por nossos predecessores, reconhecendo a importância desse significativo patrimônio histórico de Piquete.

A Antiga Matriz de São Miguel, marco identitário do município de Piquete, é tombada pelo COMDEPHAAPPI (Conselho Municipal de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arquitetônico e Paisagístico de Piquete), por meio do Decreto Municipal nº 2465, de 15 de junho de 2002.

Breve Histórico da

Antiga Matriz de São Miguel

Em 1864, os piquetenses tiveram autorização para a construção de uma capela no bairro, sob a invocação de São Miguel, com a condição de que deveria se localizar em lugar alto e livre de umidade e que tivesse espaço ao redor para procissões. Os moradores passaram, a partir de então, a se reunir, discutindo a melhor maneira para execução das obras. Tomaram a frente dos trabalhos o Ten. Joaquim Vieira Teixeira Pinto e José Mariano Ribeiro da Silva.

Escravos taapeiros passaram a pilar as

grossas paredes de terra da capela. À medida que as paredes cresciam, aumentava a expectativa dos moradores para com o término das obras. Ao mesmo tempo, articulava-se a elevação do bairro à condição de Freguesia, o que veio a acontecer em 22 de março de 1875, quando a igreja se encontrava quase pronta: simples e pobre, sem adornos, sem as torres laterais. Nesse mesmo ano, construiu-se o cemitério e as cerimônias fúnebres passaram a ser realizadas na Capela, que, mesmo sem padre colado, aglutinava a população para orações e reuniões comunitárias. Em 7 de outubro de 1888 criou-se a Paróquia de São Miguel do Piquete, sendo nomeado seu primeiro pároco o Pe. Francisco Fillipo.

A população aspirava à emancipação do bairro. Era preciso, para isso, uma Matriz. O Comendador Custódio Vieira da Silva, proprietário da Fazenda da Estrela, construiu, nas proximidades da igreja, uma olaria para a construção das torres laterais. Em 15 de junho de 1891 ocorreu a emancipação político-administrativa do bairro e na Matriz foram realizadas as cerimônias solenes. No Natal desse mesmo ano concluíram-se as torres laterais.



Levanta e come: há um longo caminho a percorrer!

Não é raro que nos sintamos esvaziados, sem sonhos, sem palavras a dizer, sem alento a oferecer. Muitas vezes somos levados a um aniquilamento espiritual por ver tanto sofrimento, miséria, desventura, tanta maldade, indiferença, desumanidade. Somos tentados a desistir, a nos encasularmos. Em muitos surge arditamente o desejo de morrer, de sumir totalmente por medo de um fracasso total. Isso tem sido bastante comum em nosso tempo, com frequência ouvimos relatos de pessoas muito jovens com esse profundo sentimento de esgotamento e desgosto com o viver.

O cronista do Livro de Reis, um texto da profecia clássica de Israel, relata que o grande profeta Elias conheceu um sentimento parecido, num momento de forte contrariedade e provação. Ele teve que empreender fuga por conta da perseguição da Rainha Jezabel, que ordenara sua morte. “Chegando a Bersabeia, em Judá, deixou ali seu servo e andou pelo deserto um dia de caminho. Sentou-se debaixo de um junípero e desejou a morte. Basta, Senhor, disse ele; tirai-me a vida, porque não sou melhor do que meus pais. Deitou-se por terra e adormeceu à sombra do Junípero” (I Rs 18,3-4). Não são poucos os que hoje dormem sob o junípero. Sabemos que a experiência de esvaziamento faz parte de nossa peregrinação aqui neste mundo, a angústia é um sentimento humanizante, o fracasso é algo que todos nós estamos fadados a experimentar várias vezes durante a vida e o aniquilamento será nossa experiência derradeira. Tudo

isso torna-se muito saudável se ao longo do viver conseguimos entender como parte de nosso existir. A vida por si traz sofrimentos, na antiga oração cristã da salve-rainha, dizemos que ela é um vale de lágrimas. Na narrativa do Livro de Reis, o que fez com que o profeta Elias sentisse um profundo desejo de aniquilamento não foram, porém, as condições naturais do existir humano. Ele sentiu vontade de morrer por causa das injustiças sofridas, pela violência, desprezo, perseguição, levados adiante contra ele por uma pessoa de índole desprezível, a rainha Jezabel.

Existem, também em nosso tempo, situações que oprimem a vida, aniquilam os sonhos, anulam as expectativas de futuro. O desemprego, a miséria, as migrações forçadas, o desenraizamento, a falta de espírito fraterno e cooperativo que impera numa sociedade de competição; a violência, a cultura da vingança, do descarte, da indiferença; o individualismo e a lei do mais forte, que ganham largo espaço em nossa forma de organizar a convivência social. Dentre muitos outros elementos, essas coisas roubam o sentimento de que viver seja algo empolgante; muitos, também entre nós, como Elias estão convencidos de que não há razões para levar em frente a caminhada da vida. Não penso que essas pessoas estejam erradas, como também não estava o profeta. Elias foi acordado por um anjo que o alimentou e mandou prosseguir, e assim ele fez.

Acordar os que dormem, erguer os caídos e colocá-los a andar com esperança

é também a missão dos cristãos. Não podemos fazer isso sozinhos, nosso Senhor é que nos sustenta e faz por intermédio de nós. É preciso criar um novo jeito de viver, reapresentar ao mundo o modo de viver ensinado por Cristo. O evangelho não é, em última instância, uma teoria que se aprende em um curso bíblico, uma pregação que se ouve na igreja, por mais importante que sejam essas coisas. O evangelho é, antes de tudo, um modo de ser. A justiça, a partilha, o cuidado com os fracos, o desapego das riquezas passageiras, a cultura da cooperação, a constante busca de encontro e reconciliação, a misericórdia, a benevolência, o diálogo, a valorização do outro, a mansidão, a igualdade, a verdade. Todas essas coisas concretas, existenciais, são contrapontos às estruturas mundanas que dilaceram e oprimem a vida, gerando um pernicioso desejo de aniquilamento. Jesus, ao referir-se à sua própria missão, disse que veio para que tenhamos vida e a tenhamos em abundância. Ele se apresentou como o pão da vida. Que todos nós, cristãos e cristãs de hoje, sejamos capazes, mais do que pregar e ensinar a Palavra de Jesus como uma teoria, de alimentar o mundo com a Palavra vivida. O anjo deu a Elias o pão para que encontrasse forças e continuasse a caminhada da vida. Os cristãos devem oferecer às pessoas de nosso tempo o Pão da Vida, a palavra de Cristo testemunhada por meio de gestos concretos de amor e caridade.

Pe. Fabrício Beckmann



Desfile de operários quando da visita de Getúlio Vargas, em julho de 1939



Operários perfilados quando da visita do Presidente Dutra à Fábrica, em agosto de 1948

Fotos Arquivo Pró-Memória

110 anos da Fábrica Presidente Vargas

Transcorreu neste mês mais um aniversário da FPV, motivo de orgulho para os piquetenses. Desde sua inauguração, em 15 de março de 1909, a Fábrica de Pólvora sem Fumaça não deixou de crescer, atingindo proporções extraordinárias ao longo dos anos. Constituiu-se, assim, um dos pilares da segurança e do desenvolvimento nacionais – o maior parque da indústria de pólvora do Brasil, que livrou o país da dependência estrangeira na produção de pólvora química. A Fábrica tornou-se, naturalmente, um complexo industrial e importante centro fabril abastecedor das Forças Armadas, além de ser, também, essencial para a indústria civil.

Fator de orgulho dos piquetenses, com quem manteve, ao longo dos anos, uma relação filial, sua história confunde-se com a do município. Não haveria Piquete se aqui, nos primeiros anos de sua emancipação, o Exército não tivesse escolhido o vale do ribeirão Sertão, nos contrafortes da Mantiqueira, para aí instalar essa que foi a maior indústria bélica da América Latina. Se para os piquetenses os 110 anos de fundação da Fábrica são ricos de história, essa é quase desconhecida do restante do país. Daí a

preocupação d'O ESTAFETA de registrar em suas páginas, ao longo das últimas duas décadas, capítulos dessa história.

A relevância da Fábrica não se mede apenas pelos produtos nela fabricados. O que de Piquete saiu para os quartéis, fortalezas, navios e aviões, numa contribuição quase anônima, mas decisiva, deve ser avaliado também sob ângulos outros que aqueles especificados para a fabricação de pólvoras e explosivos militares. Sendo pioneira na fabricação de explosivos industriais, deu igualmente origem à indústria civil de explosivos. Com sua orientação, assistência ou ajuda material, novas indústrias conseguiam acesso para aprender operando os laboratórios da FPV ou seus equipamentos, além de aproveitar a experiência dos engenheiros e técnicos da Fábrica. Essa política permitiu a implantação de uma indústria especializada nacional, estimulando investimentos externos de grandes vultos em instalações e equipamentos.

De norte a sul, de leste a oeste, e mesmo além-fronteiras, a marca Piquete era encontrada nos trabalhos de prospecção de petróleo, na abertura de novas estradas ou

túneis, na construção de hidrelétricas, nas minas de carvão, ferro ou cobre. Onde quer que fossem empregados explosivos civis, certamente lá estaria a nossa Fábrica.

A história da FPV é um capítulo na história do Brasil e do Exército escrita com o trabalho e, muitas vezes, com o sangue de seus operários. No intuito de renovar, ampliar, aperfeiçoar e dinamizar este complexo industrial nascido sob a inspiração da guerra, muito trabalho e muitos produtos de suas oficinas voltaram-se para as atividades de paz, visando ao desenvolvimento nacional e ao preparo para a guerra.

Todas as conquistas ao longo da história da FPV devem-se ao mais puro dos ideais e ao sadio patriotismo daqueles que passaram por suas dependências, muitos dos quais jazem no cemitério local, vítimas de acidentes no cumprimento do dever.

A obra aqui realizada foi a soma dos esforços de oficiais militares, sargentos, soldados e civis. Cabe a nós reverenciar e preservar a memória de todos aqueles que, ao longo desses 110 anos, contribuíram para a construção da história dessa indústria voltada para a defesa nacional. **AC**

Pegando a manha

Para o caipira, homem rural, pegar a manha é aprender a realizar uma tarefa de melhor maneira para alcançar o melhor resultado possível.

Em conhecimento, o impossível é transitório – o enigma de hoje de repente se abre como uma ostra e oferece a pérola da verdade que vai orientar um entendimento ou a vida de uma comunidade.

Exportamos manga e café, produtos que não vêm dos nossos biomas.

O estado de São Paulo ostenta um seringal que trouxe de um bioma que não é seu. Pode, com êxito, plantar uma palmeira juçara e ipê caxeta, nativos de seu território.

Desde que nossos dedinhos folhearam os cadernos Pádua Ramos, sabemos o que é fotossíntese e ciclo hidrológico – clorofila, carbono, oxigênio, evaporação, condensação, precipitação.

Ficamos assustados com as densas e altas florestas do Congo que provocam chuvas torrenciais.

Hoje, ouvimos falar em créditos de carbono. Aprendemos que bons pastos apa-

garam a atitude negativa que pairava sobre a pecuária. Somos informados de que plantas em crescimento fixam mais carbono do que plantas adultas.

Em cada bioma, podemos escolher as variedades mais interessantes e submetê-las a estudo para a produção de mudas e utilização em reflorestamento.

Nunca é demais lembrar que a atividade madeireira inclui combustível (lenha e carvão), celulose, carpintaria e marcenaria.

Ninguém deve levar susto. Há árvores que levam cinquenta (50) anos para ficarem prontas para uso.

Tivemos a felicidade de encontrar tudo à nossa disposição. Vamos providenciar para que nenhuma geração fique em desvantagem.

Não dá mais para procrastinar. A década de 20 tem de ser a Década da Sustentabilidade.

Duas providências são essenciais: a assistência técnica e o engajamento do setor público.

Entendemos que o Poder Público deve estar atento às limitações de cada setor.

A comunidade está falhando na cobertura florestal?

Que tal propor um Horto da Sustentabilidade oferecendo mudas de variedades do bioma?

Que tal contratar um agrônomo ou um engenheiro florestal para descrever uma boa fração de uma floresta nativa?

O setor reciclagem está exigindo atenção.

Temos hoje empresas especializadas em reciclar componentes de geladeiras, eletroeletrônicos e pneus.

A logística reversa não está dando os frutos esperados.

Há necessidade de galpões em que os produtos fiquem armazenados em boas condições, prontos para serem entregues aos interessados.

E que seja dado muito apoio às associações de catadores.

O conhecimento não é um incômodo. É um facilitador.

Vamos pegar a manha?

Abigayl Lea da Silva